

Os necessários e condenáveis plásticos do dia a dia.

O estudo divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, dez dias antes da 26ª Conferência das Partes da Convenção sobre Mudança do Clima (COP26), destaca que a poluição plástica nos ecossistemas aquáticos cresceu consideravelmente nos últimos anos e deve dobrar até 2030. Resíduos comuns como garrafas, embalagens de alimentos, produtos de limpeza e higiene são apenas uma pequena parcela do total. A maior parte é representada pelos microplásticos, partículas plásticas presentes na composição de cosméticos, detergentes e também presentes em águas residuais de máquinas de lavar e provenientes da degradação de plásticos maiores.

Certamente, a redução dessa poluição não será obtida apenas eliminando os materiais plásticos, pois seria uma solução utópica, tecnicamente insustentável e destinada a sucumbir a múltiplos interesses socioeconômicos. A emergência provocada pela pandemia vem evidenciar, mais uma vez, a extrema fragilidade dos sistemas de gerenciamento da reciclagem e eliminação dos resíduos plásticos.

A atual crise mundial de saúde causada pela Pandemia da COVID-19 não está apenas ligada à saúde das pessoas e a economia mundial, mas também ameaça a sustentabilidade ambiental. Para combater essa emergência de saúde foram necessários materiais baratos, seguros e encontrados em abundância. Na pressa, a opção mais viável foi utilizar os já conhecidos polímeros derivados do petróleo, como polipropileno e polietileno na confecção de máscaras, aventais e demais EPIs descartáveis. Isso não significa, que alternativas baseadas em materiais biodegradáveis não estivessem disponíveis. Alguns biopolímeros apresentam elevado desempenho e com funções diferenciadas dos materiais tradicionais, mas esses biopolímeros ainda não são a primeira escolha quando há necessidade de uma resposta rápida e eficiente a um problema real. Do ponto de vista comercial, esses materiais ainda são pouco conhecidos, e muitas vezes difíceis de manusear, além disso, não existem biorrefinarias capazes de fornecer grandes volumes com rapidez, sustentabilidade e custos competitivos.

A pandemia do COVID-19 revelou os limites do sistema econômico atual e nos desafia a repensar e redesenhar esse sistema em um modelo econômico mais resiliente, circular e de baixo carbono. Manter o valor dos produtos, materiais e recursos pelo maior tempo possível, reinserindo-os no ciclo do produto ao final de seu uso, permite minimizar a geração de resíduos.

No mundo pós-pandêmico, alguns de nossos hábitos provavelmente perdurarão por muito tempo, como as vendas de *e-commerce* que continuarão a crescer. O que levará a

um aumento significativo de embalagens e problemas associados ao tratamento e reciclagem, pois muitos consumidores não desistirão dos benefícios das compras *online*.

Atualmente já temos conhecimento e capacidade para desenvolver novas soluções e tecnologias em grande escala. O que falta é uma vontade política para fazê-lo, somente quando os governos definirem legislações que sinalizem uma direção clara para a inovação circular, será possível combinar regeneração econômica, melhores resultados sociais e ambições climáticas.

Temos que repensar fundamentalmente o valor que atribuímos aos objetos de nossa vida cotidiana, precisamos compreender os valores sociais e ambientais dos produtos e como mantê-los em circulação pelo maior tempo possível. Também é necessário projetar produtos que sejam mais fáceis de desmontar e reciclar. A inovação radical de forma holística é, portanto, crítica para permitir que empresas e governos atinjam seus objetivos. Precisamos de esforços urgentes e coordenados para desenvolver sistemas e infraestruturas maiores e mais eficientes para o gerenciamento de resíduos plásticos, com políticas mais rígidas, pressionando empresas a reduzir o uso de materiais novos em favor dos provenientes da reciclagem. Também se faz necessário encorajar os consumidores a escolher produtos e processos sustentáveis. Os plásticos fazem parte do nosso dia a dia, oferecendo muitas vantagens, porém devemos urgentemente aprender a usá-los com responsabilidade.

Elisa Moecke, Dr

Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais
Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)